

TRIBUNA LIVRE

17
AGOSTO
1963

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR - TELEF. 62113 - A MARES

Momentosa Declaração

sobre política Ultramarina

Na passada segunda feira, todo o Portugal, quer o europeu, o asiático, o africano, ou as comunidades lusíadas espalhadas pelo mundo, estiveram à escuta para ouvir a declaração sobre política ultramarina que foi feita pelo sr. Dr. Oliveira Salazar.

Mais uma vez esse homem excepcional trouxe aos portugueses a noção exata dos seus direitos, e seus deveres, consubstanciadas em frases de invulgar clarividência.

Sem nos encobrir a gravidade da hora presente, mas mostrando-nos a grandeza da herança que os antepassados nos legaram, e as razões que nos assistem no rumo seguido, o sr. Presidente do Conselho mais uma vez falou com alma bem portuguesa, à portuguesa gente de todo o mundo.

Lição magistral em que Portugal se revê no melhor do sentimento pático que o fez o grande e deu ao mundo novos mundos.

«O Ultramar Português pode ser vítima de assaltos mas não está em venda»,

Angola é uma criação portuguesa e não existe sem Portugal, Moçambique só é Moçambique porque é Portugal. Desfeito o cimento que nos liga e que o faz parte da Nação Portuguesa, não haverá mais Moçambique, nem na história nem na geografia, «Históricamente Portugal não tem vivido do Ultramar, mas vive para o Ultramar», são algumas das afirmações que nos enchem de orgulho e nos despertam o mais vivo sentimento de portuguesismo.

Ao terminar, como que interpretando a voz da história, o sr. Presidente do Conselho disse que «nós havemos de chorar os mortos, se os vivos os não merecerem».

Mas hão-de merecer-lhos, e em vez de os chorar, hão-de recordá-los com saudade e glorificá-los com entusiasmo, por serem os pilares sobre os quais assentará o maior feito da história contemporânea.

UMA BOFETADA DO BRASIL

O deputado Hugo Borghi definiu a recente atitude do Brasil no Conselho de Segurança da ONU como «um filho a esbofetear o próprio pai». O grande diário «O Globo», num editorial de primeira página, classificou-a como uma «puñalada em Portugal». O deputado e general Danilo Nunes disse na Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara que «o gesto do Brasil tem a maior gravidade, por quanto países como os Estados Unidos, a França e a Inglaterra não votaram contra Portugal.»

Esses depoimentos, espontaneamente exteriorizados por vias insuspeitas, traduzem, de facto, um estado de espírito de que comunga a maioria do povo brasileiro. Sem ser necessário acrescentar que também assim o sentem os portugueses de todas as facções que sejam realmente portugueses.

A gente lusa fixada neste hospitalero país recebeu a notícia dessa decisão com um misto de estupefação e de constrangimento. Apesar de ressentimentos novos ou anti-

onde estão...

os zeladores Municipais?

Foi criado pela Câmara Municipal, um parque de estacionamento, num dos quartéis do Largo Dr. Oliveira Salazar. Gostamos da iniciativa. O que é de lamentar é que a Câmara não tome providências para que as viaturas — especialmente as caminhonetes — não desçam pelos passeios para evitar que eles fiquem totalmente desalinhados o que já se verifica.

Apelamos assim, para que este problema seja rapidamente resolvido. — C.

Problemas do nosso turismo

Muito esforço tem sido dispensado para dar ao nosso turismo condições de desenvolvimento. Algo se tem conseguido e o movimento vai crescendo. Não será com a rapidez que mais nos agradaria, mas temos de convencer-nos que é sempre difícil partir do nada e que a nossa situação

geográfica nos não colocou no centro da Europa.

A esse movimento crescente vai-se fazendo frente com as actuais disponibilidades hoteleiras sem as esgotar, salvo em Julho e Setembro, em que se enchem mas chegam. Há, porém, uma excepção, que é o mês de Agosto.

Neste, efectivamente, nos principais centros de turismo, as instalações são insuficientes e levam a situações que é preciso remediar.

Tivemos a oportunidade de correr o país em Julho. Não obstante as notícias diversas que nos indicavam que no sul, principalmente além Setúbal, era difícil arranjar alojamento, por todos os estabelecimentos estarem cheios, a verdade é que nas muitas terras em que pernoitamos sempre encontramos alojamento. Para o Norte isso já não surpreendia.

Mas em Agosto a falta verifica-se e é quase geral. Vêm estas considerações porque num dia desta semana, na repartição de turismo do Porto assistimos por largo tempo à aflição dos diferentes funcionários, em arranjarem alojamento, no Porto e nas suas redondezas, para os muitos turistas estrangeiros que se lhes dirigiam.

Aflitiva solução, não há dúvida. O telefone retinava para toda a parte, terras vizinhas, casas particulares e nada. Intervi para lembrar o Bom Jesus, pois que, e apesar da apreçoada necessidade em construir mais, sabemos que se não enchem os que existem. Os turistas, porém, queriam a beira-mar.

Não é sensato exigir que se

(Continua na 5.ª página)

Deveres

Elementares

a higiene e até para a tranquilidade do pobre transeunte incauto. De resto, o incômodo era geral, porque o ambiente tornava-se desagradável para todos.

Muitos progressos se fizeram desde então, graças, sobretudo, à elevação do nível cultural dos povos. Há ainda porém certos resíduos, que o observador pode facilmente notar. Algumas donas de casa, por exemplo, ainda não compreenderam que não devem sacudir o pano do pó para cima de quem passa, por muitas razões e até por que tal norma é muito pouco eficiente, higiénica e económica, já que tirar o pó do chão ou de cima dos móveis e disseminá-lo pelo ar circundante é simplesmente perniciosa.

Se há pó nos compartimentos, é preciso eliminá-lo. Estude-se a maneira de o fazer eficazmente, mas não se cons-

Continua na 6.ª página

Falecimento

José Joaquim Leite

Faleceu no passado dia 9, às 19 horas, na sua residência no Largo Dr. Oliveira Salazar, Feira Nova, o Sr. José Joaquim Leite, de 76 anos de idade, casado com a Senhora Dona Cândida Gonçalves Leite.

Foram os últimos dias de grande sofrimento, suportados com edificante resignação cristã.

Grande amigo da Feira Nova, comerciante e proprietário abastado.

Extremosíssimo pai das Senhoras: Sameiro, Berta, Elvira e Etevina do Carmo Gonçalves Leite, e dos senhores: Manuel e José Gonçalves Leite.

O seu funeral realizou-se no dia 11 para a Igreja Matriz, onde teve ofício de corpo presente, sendo sepultado em jazigo de família.

«Tribuna Livre» apresenta sentidas condolências à família enlutada.

TRIBUNA FEMININA

AMANHÃ, QUANDO HOUVER SOL...

Um conto de ALICE ORGANDO

A quadra é pobre, de tectos baixos e uma fresta estreita servindo de janela, por onde o sol não pode entrar. Sob a tosca mesa de pinho, fumega um candeeiro de petróleo à luz do qual a mãe costura. Na Sé, acaba de bater a última badalada das onze. Ao lado na pobre cama de ferro, sem pintura, o filho está deitado; de olhos muito abertos, encandeados por qualquer luz distante que o fascine. O pobre rapaz tem 18 anos e está tísico.

Ela sabe-o, disse-lhe o médico, no hospital. Só ele não acredita. É tão cedo ainda para o fim; a sua vida vai no começo...

Ele passa os dias a recordar o que leu, porque andou na escola e bem queria indagar o «porquê» de tudo. Procurava a verdade nos livros mas não a encontrava e à que lhe davam, não o satisfazia por não estar de acordo com essa outra, infinitamente mais bela

que andou na boca de Jesus. Via os homens a lutarem como feras, odiarem-se... Porquê? O mestre também não sabia responder-lhe. «Porque há guerras? Porque lutam?»

E o pobre mestre dava-lhe esta razão bonita: «Pela liberdade, meu rapaz».

«O que é liberdade senhor professor?»

E o mestre ficava sem responder...

Depois, a doença acorreu-o à cama. Via a mãe sair de manhã, muito limpa e entrar à noite, suja, fatigada porque a faina da descarga do carvão é dura e exaustiva.

Quando ela lhe dava a malga de caldo, ficava-se a pensar na canseira que lhe custava aquilo que era, afinal, pouco menos que a fome.

Pobre mãe! Pobre mulher! De súbito, teve um ataque de tosse, e logo ela, solícita, acudiu:

— Queres alguma coisa filho?

— Nada, dorme mãe que é tarde.

Estava cá a magicar na vida...

— Devias magicar boas coisas. Tu nunca sorris, mãe.

— A vida não deixa.

— Todos temos a nossa cruz. A minha é este descanso fôgado.

— Mas hás-de curar-te, sóssega.

— Eu sei mãe e preciso curar-me. Tenho uma mensagem para os homens...

— Tu?

— Sim, eu. E quando escutarem a minha palavra hão-de voltar os olhos para si e para outras, como tu; pobres farrapos que envergonham o mundo, e então, o mal terá remédio.

Ela sorriu, amarga:

— Tens febre, rapaz. Já começas com os teus delírios. Dorme, não mates a cabeça que te faz mal. Olha se eu pensasse muito já tinha perdido o juízo ou a coragem.

— Não pode fazer mal, pensar o bem.

— Às vezes penso que és doidinho, meu filho. O mundo foi sempre igual. A sorte de cada um está na mão de Deus. O sol não era para a gente...

— Deus criou-o para regalo de todos. Quando eu poder sair...

— Claro, agarras nele às mãos cheias e enches a casa... Dorme, dorme...

Ela começava a ter sono, deitou-se. Doia-lhe o corpo que precisava de descanso.

Ele insistiu:

— Mas quando eu dizer aos homens o que trago cá dentro, eles serão bons, hão-de estender generosamente a mão às mães desgraçadas, como tu. É preciso que eles compreendam o significado humano desta palavra: homem.

— Deixa-te disso, os homens já mataram Deus, como não hão-de cruxificar também os outros homens?

— Deus quer que o homem se cumpra por obra e graça da inteligência e do coração. Mãe, eu, hei-de ensinar aos homens a lição de Cristo.

Hão-de compreender-me. O homem anda a envergonhar o Criador, é preciso acordá-lo. Não pode haver mais corpos escravos, como o teu, que já não aguentam a cruz da vida. Mãe eu hei-de dizer.

Ela dormia já, vencida pelo cansaço, tonta com aquelas palavras sem sentido. Ele fala ainda, fala sempre, dirigindo-se a essa luz brilhante que só os seus olhos vêem.



(CHAPÉU) — Um modelo de Jean Patou



(VESTIDO) Um vestido esvoaçante para a leitora levar à festa

ele é seu filho, a carne da sua carne, está vivo ainda o podem crucificar a ele também... Então erguendo as mãos ao céu suplicou com fé sincera: «Mãe de Jesus, mata-o depressa, não o entregues aos homens, pela tua infinita misericórdia».

Não deve dizer...

«Filha sai daqui. Em vez de ajudar só atrapalhas!...»

Se isto for realmente verdade, não o diga a sua filha. Ela que estava a ajudá-la com tão boa vontade sente-se incompreendida, incapaz. Sente que o seu esforço está à vista.

A sua filha não a ajudará mais de boa vontade. Faz-se timida e tem receio de fazer qualquer trabalho, pois teme o insucesso.

Deixe pois a sua filha ajudá-la, embora atrapalhe. Ensine-a e mostre que confia nela e aprecia o que ela faz.

Mesmo que não seja exactamente a verdade, a sua filha fica a pensar que valeu a pena ter trabalhado. E trabalhará muito mais, com muito mais entusiasmo e sempre para melhor.

Isto também lhe dará ocasião de ensinar coisas novas à sua filha.

Só lucra, querida leitora, ajudando a sua filha a ajudá-la a si.

Lucram as duas...

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
A M O D E L A R

Telefone 62113

Amares

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

***** Aos amigos de perto e de longe *****

Desde há muito pelejamos com o fim de obtermos a distribuição regular do correio pelas casas. Esperamos ser atendidos, porque o nosso desejo é justo, e muitos outros já possuem esse benefício há bastantes anos, sem terem mais direitos do que nós.

Sabemos haver pessoas cá da terra que, para serem agradáveis a alguém, ou por interesse de as cartas não irem à mão dos pais, e para terem oportunidades a mais para encontros desejados... dizem que não há falta de distribuidor!! Não faz falta...

Eu, que não tenho compromissos, nem sei quando as cartas vêm, nem tenho ocasião de ir ao correio todos os dias, direi sempre, com todas as pessoas de juizo e independentes: é uma necessidade incluir a freguesia de Lago em um dos giros da distribuição domiciliar do correio. É uma necessidade até mesmo para corrigir uma anomalia nada agradável para os responsáveis dos C. T. T.

Silvas nos caminhos

Muitos dos nossos caminhos, até mesmo dos mais movimentados, estão ladeados pelas silvas e outros arbustos, de modo a prejudicar o transito de ciclistas, peões e automóveis.

Julgo que os excelentíssimos responsáveis devem intervir se os proprietários ou caseiros das propriedades confinantes se descuidarem e os não cortarem devidamente. As ditas silvas, não só podem estragar os automóveis, como principalmente, ferem os peões e ciclistas, quando viajam de noite ou distraídos.

Correspondências erradas

Certo indivíduo de Lago começou, em 28-7-63, a botar faladura em «Maria da Fonte» e já vos demonstrei que principiou mal ao meter-se com a festa do Senhor da Saúde, de Lago, Amares. Basta reler a carta de Lago na «Tribuna Livre» de 10-8-63.

Agora tocou a vez à festa da Senhora das Angústias, de Barreiros. Sendo correspondente de Lago parece que se não deveria meter em assuntos de outras freguesias. Cuntudo, sem licença ou com licença, de Barreiros, meteu-se com a festa da S. das Angústias e, como tem uma costela doente, lá despejou umas peadi-

nhas para o Rev. do Paróco de Lago.

1.º— Diz ele: — «No dia «próprio» e «tradicional» realizou-se...»

Ora, que o 1.º domingo de Agosto seja o dia «tradicional» da Festa de Barreiros à Senhora das Angústias, (o mesmo que «Senhora das Dores»), é verdade que eu reconheço. Mas não está certo dizer que foi no dia «próprio». O dia próprio da festa da Senhora das Angústias, ou das Dores, é o dia 15 de Setembro ou quando muito, o domingo seguinte, e não o 1.º domingo de Agosto. O mesmo não se dá com a festa do Senhor da Saúde, visto que todos os domingos são dias do Senhor...

Imaginai que a gente de Lago se resolve a construir a capela de Santa Marta à beira da estrada e quer fazer-lhe a festa todos os anos. Qual há-de ser o dia? O 29 de Julho não serve por ser dia vulgar e ser nesse dia a festa de Santa Marta da Fálperra. Para ser tanto quanto possível no dia próprio, teria de realizar-se no domingo seguinte, quase sempre o 1.º domingo de Agosto... E a festa de Barreiros?

2.º— Diz ainda o correspondente de Lago para «Maria da Fonte»: — «Parabéns à Comissão de Trabalho, a qual, dedicamente e sem «tutela» organizou...»

Sem «tutela»? Então a comissão da festa de Barreiros não tem «tutela» e as comissões das festas de outras freguesias, como Lago tem «tutela»?! Pois fique o senhor correspondente sabendo que todas as comissões de festas religiosas têm tutela, a qual é ou deve ser exercida pelo Pároco, ou pelo Reitor da igreja ou capela independente do Pároco, se for caso disso. Para se convencer, se quiser leia estas palavras do artigo 1.º do decreto promulgado pelo senhor Arcebispo de Braga, a 27-2-1933: — «As festas religiosas sómente podem ser promovidas e organizadas, nesta Arquidiocese, por alguma das seguintes entidades, a saber:—a) nas paróquias pelos seus R. R. Párocos; — nas igrejas ou nas capelas independentes... pelos seus seus legítimos Reitores ou Superiores»...

E, no artigo 2.º do mesmo decreto, diz ainda: — «Os R. R. Párocos e Reitores sobreditos poderão tomar, para os coadjuvarem nas festas, e às vezes convirá que tomem, outras pessoas, quer isoladamente, quer

Placas de estacionamento

Desde há anos que foi criada uma postura Municipal, a qual proíbe o estacionamento de veículos nos dois sentidos, no Largo Dr. Oliveira Salazar.

Infelismente não é respeitada esta disposição Municipal e o certo é que mesmo na frente das autoridades os automóveis continuam a estacionar especialmente nos dias de mercado.

Há dias presenciei um caso em que esteve a ser atropelada uma criança que casualmente se encontrava no Largo principal da vila e que só não foi apanhada por uma simples questão de sorte.

Ora, não está certo que depois de haver disposição legal, não se dê o devido cumprimento, antes que um dia seja assinalado por um grave desastre.

Apresento esta sugestão a quem de direito, para que sejam tomadas as providências que este caso require.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Amanhã—O Snr. José Lúcio Dias Martins.

Dia 19—A menina Maria Adelina Vieira da Costa.

Dia 21—A menina Maria Adelina Macedo.

Dia 22—A menina Maria Júlia Pereira.

constituídas em comissões ou mordomia... — Como facilmente pode compreender amigo correspondente estas comissões ou mordomias, ou indivíduos isolados, »poderão» ser «tomados» ou nomeados para »coadjuvarem» os Párocos ou Reitores, e, portanto, sob a orientação e dependência deles, e nunca para tomarem o freio nos dentes e fazerem o que lhes apetece, «sem tutela!... O Senhor está enganado!

Nem eu acredito que a «comissão de trabalho» da festa da Senhora das Angústias andasse sem a «tutela» do Pároco de Barreiros. Sei até, por conversas daquele Reverendo Senhor na minha presença, que a dita Comissão agiu sob a sua direção e dependência.

Dizer o contrário é faltar à verdade, ou errar, se não sabe o que diz...

Vosso: J. Moreira

GAIRES

BATISADO

Foi muito solene o batizado da menina Lucinda, filha estremecida do Snr. José Pereira Lopes e de sua esposa Francisca Augusta Arantes Esteves, das Penas, neta do mestre Eusébio de Carrazedo. A seus pais e avós e padrinhos e á menina neófita, desejamos muitas felicidades e um futuro esperançoso.

CASAMENTO

Casou-se em Lisboa, a gentil menina Maria de Fátima Pala da Silva, desta freguesia de Caires. Parabéns e felicidades.

ÓBITO

Foi aqui muito sentida a morte do Snr. Adelino Vieira, na Capital, natural desta Terra. A toda a sua família, presente e ausente, as nossas condolências. A missa do 7.º dia foi muito concorrida.

VISITAS

De França, regressaram a esta freguesia, de visita ás suas famílias, o Snr. Manuel Brandão Pinheiro, Domingos Dais da Silva, José Maria da Silva, António de Barros, Alberto José Dias e sua esposa Rufina Dias e outras. Tem havido muitas missas de promessas em Ação de Graças pelas boas viagens destes imigrantes. Tem havido lágrimas de comoção. Outras famílias ilustres vindas de Angola e Lisboa, as esperamos e receberemos com o coração nas mãos. Boa viagem, Amigos.

Salvé 23-8-963

Na próxima Sexta-feira dia 23, passa o aniversário natalício o nosso particular amigo e assinante deste jornal Snr. Américo Dias Pisão, proprietário nesta vila.

Tribuna Livre cumprimenta este ilustre aniversariante e faz votos que esta data se prolongue por muitos anos na companhia de sua esposa e restante família.

* *

Passa o seu aniversário natalício na próxima Sexta-feira, a Snr.a D. Maria Lucília Macedo Martins, esposa do nosso particular amigo e assinante deste jornal Snr. José Manuel Martins, comerciante e proprietário do Retiro dos Pacatos.

Por tão faustosa data seus filhos desejam-lhe muitas felicidades e fazem votos que esta se prolongue por muitos anos.

ANIVERSARIOS

Celebraram os seus aniversários natalícios no dia 11 a Senhora D. Maria Helena Arantes Calheiros Cruz, no dia 14, a Snr.a D. Arlinda de Jesus da Silva Almeida, e no dia 15 a Senhora D. Augusta da Conceição Lourenço Amado; a estas distintas Senhoras desejamos longa vida e muitas felicidades.

N. S. DA ABADIA

Fomos em serviço de Confissões, a esta grande Romagem de fé e piedade. Novena actos do culto e festividades religiosas, tudo decorreu muitíssimo bem. No dia 14 celebramos uma missa solene no alto do monte, na Capelinha de S. Miguel, junto ao Bom Jesus da Paz, mandada celebrar pelo seu grande devoto Amâncio da Silva, do lugar de Vilarinho, mas ausente no Rio de Janeiro, que todos os anos assim faz e envia uma avultada esmola para N. S. da Abadia. Que seja sempre muito feliz em Terras de Santa Cruz e que um dia nos visite, e aos seus, são os nossos ardentes votos.

C.

HUMORISMO

Anedotas

Entre amigas

— Chamou-me burro...
— E tu que lhe fizeste
— Dei-lhe um coice!

Num hotel

— Num hotel duma vila, depois duma fraca refeição são servidas umas maçãs podres e bichentas.

O hóspede chamou o empregado e disse: Na ementa há um erro tipográfico...

— Não comprehendo, respondeu o empregado.

— Aqui onde diz, frutas variadas, deveria dizer frutas avariadas...

Conversando

— Já reparaste que as irmãs do Silva são tão parecidas uma com a outra...

— É verdade; sobre tudo a mais nova!

Conversa conjugal

Ele: — Querida, amanhã tenho de ir a Lisboa; prepara-me a mala.

Ela: — É algum negócio? Quanto tempo demoras?

Ele: — Demoro-me cinco contos.

Minha Terra

Minha terra tem salgueiros
Pelas margens dos ribeiros,
Onde, em noutes de luar,
Nas horas silenciosas.
Entre as ramadas viçosos
Os rouxinolos vão trinar.

Minha terra tem campinas
Com tapetes de boninas,
De papoilas e tomilho;
Mas não tardam as charruas
A despi-las, pô-las nuas,
E revesti-las de milho.

Minha terra ouve os círios
Das águas dos seus dois rios,
(Um à esquerda, outro à direita);
De ambos aceita as carícias,
Auspiciosas primícias.
Com que tanto se deleita!

Minha terra tem pomares
De frutos tão salutares
Como de fino sabor;
As suas laranjas d'ouro
São o seu maior tesouro,
De inestimável valor!

Tem montanhas!... Que beleza
Lhes impôs a Natureza
Desde a falda até ao cume!
Por carreiros e caminhos
Recendentes rosmaninhos
Enchem-lhos ares de perfume.

Minha terra, torrão rico,
Desde Bouro até ao Bico
Põe enfeites de vidrilhos
Nos seus vestidos de gala,
Nesta paisagem que fala
Ao coração dos seus filhos!

Minha terra tem vinhedos
Que nos dizem seus segredos
Só depois da uva pisada,
Quando o primeiro vinhão
Salta a escumar dum dordão
Pra malgas duma canada.

Então é ver toda a gente
Falar, dançar de contente
A volta do canjirão...
Pois não há nenhum verdasco
Que mais alegre um carrasco
Do que este seu carrascão!...

Também canto as oliveiras,
Que, das Cruzadas primeiras,
Duma terra oriental,
Lhe trouxeram os Templários
Pra alumiar os sacrários
Dos altares de Portugal!

Tem as águas de Caldelas
Numa estância das mais belas,
Para cura ou distração;
Magnífico ambiente
Para quem for exigente
Na sua acomodação!

Em Bouro tem um mosteiro,
Que foi talvez o primeiro
Levantado em Portugal,
Consagrado, na Abadia,
À virgem Santa Maria,
Nosso divino Fanal.

Tem igrejas, tem ermidas,
Por toda a parte erigidas
À Santa Mãe do Senhor...
São primorosos legados
Dos nossos antepassados
Para um Portugal Maior!

Condições de Assinatura

Continente

Ano	50\$00
Semestre	25\$00

Ilhas

Avião—ano	50\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00

Brasil

Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Estrangeiro

Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Questões de Linguagem

(Continuação da 5.ª página)

sil, a forma escrita, sem embargo de continuarmos, e bem, a dizer aqui *preguntar*, ou mesmo *preguntar*, como pronunciam algumas regiões.

A língua é, portanto, o povo que a faz, à margem de quaisquer representações gráficas. Ora uma representação gráfica não se afém exclusivamente à pronúncia e comprehende-se, porque, variando esta de região para região, até às vezes entre aldeias vizinhas, teria de haver tantas escritas quantas as variantes fonéticas. A escrita é, por isso, de certo modo, um fru-

Visado pela Censura



**RELOJOARIA
MAURÍCIO
QUEIROZ**

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Telef. 22526 BRAGA



AO PREFERIR

«JORNAL FEMININO»

Prefere a revista mais
portuguesa de Portugal.

Gosta de estar actualizada em moda, culinária, cinema, literatura, crochet, tricot, maquillage, decoração e tantas outras coisas que a mulher deve saber?

Então, compre de quinze em quinze dias «JORNAL FEMININO» — Da mulher para a mulher. Sai aos dias 1 e 15 de cada mês. Envie a foto do seu bêbê para a Galeria Infantil desta revista. Horóscopo, concursos, reportagens, entrevistas «JORNAL FEMININO» compa-
nhia amiga, leal e sincera.

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE:
TELEF. 30796 Rua D. João IV 904 PORTO

Mas perdoa, ó terra minha,
A esta lira mesquinha
Que ousou cantar-te a beleza!
Debuchar o teu feitiço
Sem ter tintas para isso,
Foi audácia, com certeza!

Mas quando pensei cantar-te
Fiei-me na minha arte
E na musa que me inspira;
E bem vês, os teus encantos
Sendo tão vários e tantos
Não eram pra minha lira...

UERBA

to de abstracções: representação convencional de palavras, em que se abstraiu das diferenças de pronúncia regionais. Por outro lado, a escrita fica às vezes ligada à origem das palavras, desprendendo-se da evolução natural da sua articulação fonética.

É preciso dizer que tudo isto tem sido estudado por especialistas da linguística — e alguma coisa vem até aos livros comuns de gramática e de estilística. É pena que o autor do postal não se tenha dado ao cuidado de os ver, antes de se dirigir ao colaborador da Televisão.

O colaborador disse *vesitam* e disse bem, disse *ex-premir* e disse bem, disse *arteficial* e disse bem, disse *contabelidade* e disse bem, disse *openião* e disse bem. O fenómeno de linguagem que ele respeitou (e o autor do postal não conhece) chama-se em Fonética *dissimilação de vogais*. Na sua «Gramática Histórica Portuguesa», o sábio José Joaquim Nunes escreveu:

«É tão natural o evitar o encontro de vogais idênticas que, quando falamos sem atecção, se na palavra há dois *ii* substituimos o primeiro por *e*, e dizemos, por exemplo, *menistro*, *adevinhar*, *dezia*, etc., e não *ministro*, *adivinar*, *dizia*, etc. Por esta razão, a antiga língua pronunciava e escrevia *dezia*, *vezinho*, e a popular de hoje prefere *temeroso* e *valoroso* a *temeroso* e *valoroso*, embora tais vocábulos provenham de *temor* e *valor*.»

Ao condenar a pronúncia correcta, o autor do postal defende um erro de linguagem, um vício a que se chama *purismo* ou *preciosismo*, há muitos anos já definido como «pronúncia desusada e afectada das palavras». O poeta Simões Dias, na sua *Teoria da Composição Literária*, dizia de tal vício ser «excessivo cuidado na pronúncia das palavras, donde resulta ora uma pronúncia ridícula, como seria a das palavras *ministro* e *menino*, em vez de (por dissimilação) *menistro* e *menino*.»

Podia citar mais autores e mais modernos. Não é preciso. Isto basta para lembrar ao sabichão, autor do postal anónimo, que pode dizer *ministro*, *opinião*, *minino*, *vizinho* e *distinto* — mas diz mal, comete um vício de linguagem. E, quando quiser apontar defeitos aos outros, não o faça à tona, partindo do princípio, indiscutido, de que as suas opiniões é que estão certas. Estude primeiros, aprenda, informe-se, junto dos que sabem. Só assim evitará comentários como o que fez o destinatário do bilhete postal, quando acabou de o ler: *Sempre a ignorância é muito atrevida!* ANI.

Questões de Linguagem

Creio ser geral o facto de os comentadores da Rádio e da Televisão receberem, todas as semanas, correspondência abundante sobre as opiniões que expedem: uma a dizer bem, outra a dizer mal, esta a desabafar, a contar casos, a confirmar juízos, aquela a pedir conselhos. E, entre a correspondência seria, uma ou outra carta anónima.

A carta anónima é, por via de regra, uma prova de mau carácter: por significar uma agressão escondida e cobarde, ou pelo menos um momento de inferioridade moral.

Durante a primeira Grande Guerra, o comandante Quirino da Fonseca recebeu certo dia uma carta anónima de alguém do seu navio, a ameaçá-lo de morte. Com a paciência infinita de que era capaz, o comandante conferiu a letra da carta, ainda que disfarçada, com a letra de cada um dos seus marinheiros, o que lhe era fácil porque, em tempo de guerra, toda a correspondência lhe passava pelas mãos. E descobriu. Era um marinheiro de quem ele não esperava a façanha. Chamou-o ao camarote:

—Entra e fecha a porta à chave.

Depois tirou a pistola do cinto e entregou-a ao subordinado:

—Agora mata-me!

O marinheiro estava transformado. Estendeu a mão para a arma e ficou emparado a olhar.

—Anda, mata-me! Tu não me escreveste a ameaçar-me, que me havias de matar? Porque é que estás à espera?

O marujo largou a arma em cima da secretária e desatou a chorar. Tinha escrito a carta numa hora má. Daí em diante, não houve ninguém mais amigo e mais dedicado ao comandante Quirino da Fonseca.

Naquele caso, a inferioridade não era da pessoa, mas de uma hora de tentação, resgatada pela coragem do oficial.

Um colaborador da TV recebeu há dias um postal anónimo a propósito da forma como teria pronunciado certas palavras. Diz o do postal:

“...tomamos nota do seu português vernáculo: — *mistro, expremir, arteficial, contabilidade, operação, visitas, vereficamos, ileminação...*”

Entendeu o visado que se iria de esclarecer o sábio anónimo que escreveu o postal. Eu ainda argumentei que não valeria a pena, porquanto o escrevente, além de anónimo, será daqueles que não sabem e nem sequer sabem que não sabem... Mas, afinal, o meu amigo insistiu em atirar-lhe com uma gramática à cabeça.

Devo dizer que tenho pela gramática aquela sagrada desconfiança que me incitou um mestre, que foi das mais lu-

minosas inteligências críticas que tenho conhecido: o Professor Vieira de Almeida. Havia há umas dezenas de anos uma gramática, aprovada oficialmente, que dava como definição de *sarcasmo — a ironia acompanhada de riso insultante*. O que Vieira de Almeida não ria com aquela definição! Onde não há riso insultante — não há sarcasmo. Como poderia dizer-se então que determinada frase escrita é sarcástica, perante a impossibilidade de reproduzir na expressão gráfica a *gargalhada insultante*? E como é a *gargalhada insultante*?

Ora bem: a linguagem é uma realidade viva, sujeita a todas as influências e transformações dos organismos vivos. A linguagem varia no tempo e varia no espaço. Não é a mesma a pronúncia do português no Minho, na Beira, no Alentejo, no Algarve, na Ilha de S. Miguel, em Moçâmedes, na Índia ou no Brasil. Neste pequeno quadrilátero, a que o Camões chamava *cabeça da Europa*, parece-me que podem dividir-se regiões linguísticas pela forma como se pronuncia a palavra *não*. No extremo Norte é o non (*non digo*). Na Beira o no (*no digo*). Para o Sul o *nan* (*nan digo*). No Algarve o *na* (*na digo*). Quem diz bem? Quem diz mal? Pois todos dizem bem, porque todos estão dentro do estilo próprio da sua região. Quem faz a língua, não são os gramáticos, nem os dicionaristas, nem os sábios opiniosos, autores de postais anónimos. Quem faz a língua é o povo que a fala. E quem quiser escrevê-la bem não pode deixar de ir aprendê-la às raízes populares, onde há ainda riquezas inesperadas.

A linguagem escrita, é preciso termos bem a noção disso, a linguagem escrita, pelo menos no ocidente e excluída a simbologia numérica, não é linguagem: é apenas a representação gráfica da linguagem falada. E certo que se estabeleceu certas regras conducentes a uma possível uniformidade escrita, mas o que se faz dessa maneira é uma convenção artificial, ainda que útil e necessária. Quando se estabeleceu o Acordo Ortográfico, que serve presentemente de base à nossa escrita, contou-me Ribeiro Couto, naquele tempo em funções de substituto do embaixador do Brasil a conversa que tivera com uma alta personalidade portuguesa. Dizia esta:

—Mas os senhores, no Brasil, não usam realmente a palavra *preguntar*?

—Preguntar? Não. Todo o mundo no Brasil diz *perguntar*.

Já estava decidido pelos lexicólogos que ficaria *perguntar*, em atenção ao Bra-

Continua na 4.ª página

Na expectativa da visita presidencial

(Continuação da 6.ª página)

voações vão tratando, desde já, de aformosear as suas ruas e praças de instalar água ou luz, de aprontar, enfim, melhoramentos que, em última instância, se não puderem ser inaugurados pessoalmente pelo Chefe do Estado, em qualquer caso ficarão a assinalar um acontecimento do máximo relevo na vida da Província.

Também, noutro aspecto, a próxima visita presidencial vem servir para reavivar a presença de Portugal continental nesta parcela africana da nação — muitas colectividades regionalistas estão, com efeito, a fazer convites à sua massa associativa para a formação de grupos regionais, com vista à realização de um grande espectáculo folclórico de bailados e cantares regionais, com trajes típicos, em que o Minho, o Douro, o Ribatejo, as Beiras se darão as mãos com os grupos de Lunda, do Cuanhama, das Quíocos...

Nas principais colectividades regionalistas não só da capital como das cidades mais importantes tem havido já várias reuniões com o propósito apontado — e é de crer que esse número do programa resulte num espectáculo não só da maior beleza, como do mais alto significado.

Recorda-nos de que, nas duas anteriores visitas presidenciais, em 1938 e em 1954, os espectáculos folclóricos foram, justamente, dos que alcançaram maior retumbância popular. O considerável aumento populacional de elementos provenientes da Metrópole dá-nos a antecipada certeza de que tais espectáculos terão, nesta altura, ainda maior projecção, quer pelo número de participantes que poderão reunir, quer pela maior variedade de recursos de toda a ordem, de que poderão dispor. — ANI

Problemas do nosso turismo

(Continuação na 1.ª página)

construa tudo o necessário a um só mês do ano, mas entendemos que há maneira de arranjar alojamento, isto é, quartos, porque quanto a comida não falta.

Para tanto é preciso que nos principais centros se busquem mais casas particulares que fornecam dormida. Se a entidade responsável diligências não lhe faltarão, até porque o pagamento, mesmo dentro das tabelas, é remunerador. Estabelecer uma relação das que se prestarem e tenham condições de maneira a evitar a situação embracosa que é a de quem está em ambiente estranho e não tem a quem recorrer.

Uma bofetada do Brasil

(Continuação da 1.ª página)

nosso país, jamais seria de esperar que se chegasse a tal extremo. Os portugueses do Brasil, que vivem e trabalham nesta terra como se fosse sua própria, que lhe dedicam todo o carinho e esforço, que aqui constituem família, que lhe dão os filhos e todo o fruto do seu incessante labor, ficaram, naturalmente, chocados com tão inesperada atitude. Não o manifestam de maneira pública, ostensiva — e a prova é que, até agora, nenhuma entidade associativa enviou qualquer mensagem aos poderes públicos — mas não deixam de manifestar a sua profunda mágoa aos brasileiros amigos, aos seus parentes e àqueles com quem convivem diariamente.

Mas não haja dúvidas de que essa atitude do Brasil terá repercussões no futuro, pois o golpe foi doloroso e profundo demais para que se possa esquecer. Ninguém se admira de que muitos portugueses aqui fixados venham a abandonar em definitivo este país que tão fraternalmente os recebeu, trocando-o pela própria pátria ou por qualquer outro mercado de trabalho. Ninguém estranha que alguns outros milhares, que talvez estivessem a pensar no Brasil como a terra dos seus sonhos, desistam de requisitar o passaporte para este país. Os pa-

rentes e amigos que aqui estão certamente os hão-de aconselhar a isso. E muitos outros, que gostariam ao menos de conhecer, como turistas, esta grande terra, talvez venham a preferir outros países da Europa ou da América. E com tudo isso vão-se enfraquecendo, a pouco e pouco, os laços de fraternidade em que têm tido base segura as relações luso-brasileiras.

Não queremos referir-nos aos aspectos políticos ou até de ordem nacional, de país para país, que essa atitude do Governo brasileiro possa ter no presente ou no futuro. Mas, se nos é permitida uma interpretação dos portugueses do Brasil, com a autoridade de quem convive permanentemente com eles, de quem lhes sente as alegrias e tristezas, diremos que, embora o Brasil usasse de um direito soberano e indiscutível, o país não virá a ganhar nada com isso. E, no fundo, o brasileiro sentir-se-á igualmente constrangido, no lar ou nas relações sociais, ao defrontar com o cidadão português — o pai ou o amigo — de quem sempre recebeu provas de afecto.

Também assim pensa «O Globo», que naquele editorial, ao alto da primeira página, afirmou que «o enorme desgosto causado aos portugueses pela atitude do Brasil abriu feridas que custarão a cicatrizar». — ANI

Aniversário dum sonho

Descansa em paz, amor, até que eu parta
Do mundo que partiste há já dois anos.
Dois anos! Nada teu... nem uma carta!
Como na vida encontro apena' enganos!...

Não adianta nem chorar nem pôr flores,
Nem pôr-me sobre o túmulo meditabundo.
Silêncio... pô... mistério em horrores
É tudo que a mim chega do teu mundo!...

Será que o teu amor já não existe?
Será que não existe céu nem Deus?...
Oh! Escreve, telefona, manda alguém!

Viver sem saber p'ra onde partiste
Nem saber que recebes intactos os meus
Amares, é viver sem nada, sem ninguém!...

Cícero Dias



FUNDADA EM 1835

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança
AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

COMPANHIA DE
SEGUROS 'DOURO',
SEGUROS EM
TODOS OS RAMOS

Tribuna Desportiva

Sonhar...

do Minho à Beira

O calor era forte — rachava com estrondo as pedras, ao longo das escarpas. O percurso era longo, com os seus 240 quilómetros bem medidos, de Fafe à Guarda. E a luta continuava acesa, tantos são os que têm aspirações. Tentar uma fuga era suicídio. Lá ficaram, no fim, 21 falbas na caravana — cinco desistências e dezasseis de eliminações.

Tudo isto, porém, esqueceu Laurentino Mendes, para cometer a maior proeza do ano, na Volta a Portugal em Bicicleta. Faltavam mais de 150 quilómetros — pouco mais do que oitenta se haviam percorrido, quando o ovarense, de olhos claros a luzirem no carão tostado do sol, se lançou para a frente, na ânsia de glória. Ele mesmo confessa que não o deveria ter feito: «Nem sei o que me deu... Não sei o que tinha na cabeça...» E começou a grande cavalgada: primeiro, ninguém acreditava — era lá possível, com aquele calor, e com aquela distância, e com o pelotão recheado de gente de valor, afeita às danças pela estranha, tu cá tu lá com os campeões internacionais do pedal. Não podia ser.

Passou a primeira hora. E Laurentino continuava, frágil, isolado, perdido na imensidão escaldante das serranias que vão do Minho à Beira. Era um pontinho de esperança, que continuava a avançar, guiado por um sonho.

E os «grandes» deram-se conta do perigo que ia lá para a frente — o prestígio já se perdera, que aquela era a maior aventura da volta. Mas perder mais...

E todos os grandes, esquecidas as rivalidades de camisa ou de terras, se uniram naquela perseguição, na grande caçada ao sonho, na desesperada luta contra a esperança que continuava a guiar Laurentino.

Chegou-se à Serra da Estrela. Era a grande barreira, que a muitos tem feito tombar. Mas não ao jovem de olhos claros e de carão tostado: ele venceu, subiu, embalou só, sem público e sem estímulo, sem vivalma a acompanhar o seu gigantesco esforço.

A matilha, porém, não lhe dava tréguas. A Rádio ia contando a sua magnífica tentativa. E a ilusão daquele moço sobre rodas comunicava-se a milhares de pessoas. Apareciam os grupos, ao longo da estrada, a vitoriar-l-o, a querer auxiliá-lo. Laurentino era a encarnação das esperanças de todos os que um dia não tiveram coragem para a grandeza da aventura, para

o grande volta da evasão. Choviam sobre ele os balões de água. Ouvia as vozes que o incitavam. Sentia o ambiente de fraternidade na esperança que cercava os seus arrancos. E prosseguia. Vencia mais alguns quilómetros, Avança isolado. «Falta pouco» — gritavam-lhe. Talvez fosse pouco para quem por ali mora, para quem seguia nos automóveis, mesmo para o grupo que o perseguiu, aconselhado e bem avisado, num revezamento de esforços.

Faltavam dois quilómetros para a meta, quando finalmente foi alcançado. Ainda reagiu, ainda lutou. Mas as forças não acompanharam a grandeza do seu coração. E Laurentino acabou vencido, ultrapassado, num sétimo lugar que não chega para os seus sonhos, nem para prémio do que fizera. Era a derrota do sonho pelos manejos da tática. Era a derrota do homem isolado frente à sociedade organizada. Era afinal, a morte da esperança.

Quando chegou, o rosto estava coberto por uma pasta — era pó, água, transpiração, lágrimas. E foi necessário retirá-lo da máquina, tratá-lo, como criança que teve o seu primeiro desgosto grande.

«Nem sei o que me deu...» — a frase fica, como a resposta de todos os que um dia sentirem o anseio da evasão e não tiveram a coragem de arrancar para a grande incógnita do futuro.

O Sporting — vencedor dos campeonatos nacionais femininos de Atletismo

Os campeonatos nacionais femininos de atletismo foram ganhos pela equipa do Sporting.

Quanto a títulos, o Sporting arrecadou sete, contra dois do Sports de Benguela. O Leixões, o CDUL e o Porto ficaram, respectivamente, em terceiro, em quarto e em quinto lugar.

O Águia, de S. Miguel, venceu um Grupo Desportivo de Vila do Porto em futebol amigável

Por ocasião da excursão micaelense a Santa Maria teve lugar no campo de jogos de Vila do Porto um encontro amigável de futebol entre o grupo desportivo Gonçalo Velho desta vila e a equipa micaelense do Águia Futebol Clube, dos Arrifes, sendo o resultado favorável aos visitantes por quatro bolas e zero.

O Boavista venceu a Académica do Mindelo em futebol

O Boavista venceu a Académica do Mindelo por 3-0, num desafio a contar para o título de campeão de Cabo Verde em futebol.

Prossegue o campeonato de futebol de Lourenço Marques

A contar para o campeonato de futebol de Lourenço Marques, o Desportivo venceu o Atlético por 2-1, e o Ferroviário derrotou o Benfica também por igual resultado.

Deveres Elementares

(Continuação da 1.ª página)

porque o ar que respiramos, nem se transforme a rua em caixote do lixo.

É um dever elementar para os povos que já atingiram um notável grau de civilização e de cultura, que todos devem portanto observar, quer vivam em cidades ou vilas, ou até mesmo nas aldeias.

Note-se que o pó é quase sempre veículo condutor de elementos nocivos. Convém pois que seja eliminado e não transferido para os pulmões dos vizinhos ou dos transeuntes.

A defesa da saúde pública vale bem o sacrifício que porventura seja necessário para se atingir esse objectivo.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

Na expectativa

da visita Presidencial

Já em 1938 e 1954 tivemos oportunidade, quando das visitas dos Presidentes Marechal Oscar Carmona e Marechal Craveiro Lopes, de verificar o mesmo fenómeno que neste momento se regista em numerosas cidades, vilas e pequenas localidades de Angola: congregam-se todos os esforços, juntam-se todos os «saldos disponíveis» de verbas orçamentais e municipais, para se levar a cabo melhoramentos regionais ou locais, tendentes a alinhar os centros urbanos que, eventualmente, virão a ser visitados pelo sr. contra-almirante Américo Thomaz, na sua próxima deslocação a esta Província.

Muitas são as localidades, além das capitais dos distritos, que invocam justos motivos para desejarem receber tão honrosa visita, mas o tempo disponível não permitirá ao Chefe do Estado aceder a todos esses desejos tanto mais que, segundo já se noticiou, o

Presidente da República procurará visitar não apenas cidades e outros centros urbanos, como também postos e posições onde as nossas valiosas Forças Armadas estão mantendo e afirmando a presença de Portugal perante as cobiças e arremetidas de bandidos lançados e instigados do exterior.

O facto, porém, de até este momento não estar definido o programa completo das visitas do Chefe do Estado, longe de constituir motivo de desânimo para as populações, pelo contrário serve de estímulo para que se lancem afiadadamente na realização e conclusão de numerosos melhoramentos urbanos.

É que, até o último momento, subsiste sempre a esperança de que o Chefe do Estado tenha ainda uma possibilidade de ficar mais alguns dias em Angola, ou de desviar a rota desta ou daquela deslocação — e assim muitas po-

(Continua na 5.ª página)

TRIBUNA DE VIEIRA DO MINHO

Carta de Ruivães

Krutchev, que aquela detesta e odeia.

E, assim, Krutchev, manhosso e amante de fazer pirraças é natural que tenha visto o problema desta forma: tu não queres submeter-te à minha hegemonia, pois fica certo que vou tentar uma aproximação com os ocidentais, pois assim poderei fazer-te arripiar e a cair nos meus braços».

E, se o estratagema surtiu efeito, ninguém se iluda, Rússia dá uma reviravolta e coloca-se, fatalmente, na primeira forma, mandando bugigangas aos seus amigos de Peniche.

Será esta mais uma das suas vitórias diplomáticas e, para os ocidentais, mais um triste desengano amargo.

Estes, coitados, ainda não conseguiram refazer-se do atordoimento causado pela última guerra e nada têm feito do que asneiras e... traições àqueles que mais honrada e lealmente os têm servido.

Que o digamos nós, portugueses, abandonados e até hostilizados pelos nossos infelizíssimos aliados, no respeitante ao nosso património ultramarino.

Bastaria que fossem os comunistas os autores e executores da perseguição fúria, que nos está sendo feita, para que os nossos aliados de Peniche cerrarem fileiras ao nosso lado, como tão denodadamente tem feito a nossa vizinha Espanha.

Mas não. Eles facilitam a sanguinária que tem feito de Congo ex-belga um vulcão em permanente efervescência e esquecem-se, ou fingem esquecer-se dos morticínios, devastações e ultrajes executados pelas hordas sanguinárias, preparadas fóra da nossa Angola e levados a efeito nos habitantes desta nossa província.

No meio da confusão dos nossos amigos do diabo, da sua loucura e do seu desvairamento, nota-se, também, um egoísmo feroz. Andam todos à conquista a ver qual é que primeiro apanha o osso.

Mas não tenham ilusões. Que é nosso há-de ser defendido palmo a palmo, porque nos custou muito, porque tem lá os nossos irmãos e por os mortos também mandaram. Não nos venha ver certos viçareiros de café, quando digam que se tivéssemos entrado a bem o nosso património ultramarino teríamos evitado os ódios dos nativos.

Já se esqueceram do que tem passado no Congo belo, onde a entrega foi feita com mãos abertas?

Somos poucos, é certo, e somos limitados os nossos recursos; mas havemos de triunfar, porque estamos dentro da verdade, da justiça e da razão.

Portugal há-de continuar a ser a terra de Santa Maria. Deus não nos abandonará.

Amadeu Cid